

ANÁLISE DO FILME “MUITO LOUCA” SOB O OLHAR EXISTENCIALISTA DE ROLLO MAY

Autores: Thalita Ferreira Alves, Liliane Prado Vieira Machado.

Faculdade Anhanguera de Taubaté, Avenida Charles Schnneider, 585, Parque Senhor do Bonfim, 12040-000, Taubaté – SP, Brasil, thalitaferreiraalves@hotmail.com, liliane_pv@hotmail.com.

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar a visão de homem do psicólogo, existencialista e humanista, Rollo May através de uma análise do filme, argentino, Muito Louca, que se encontra disponível na plataforma de streaming Netflix. O objetivo deste trabalho consistiu em observar e analisar o conteúdo do filme através da ótica técnico-científica, adotando critérios da pesquisa descritiva e revisão de literatura. Embora o filme seja do gênero Comédia, ele alcança com perspicácia pontos importantes da teoria citada acima como: conflitos; escolhas; consequências; essência; existência, os quais são abordados nessa discussão.

Palavras-chave: Psicologia Existencialista. Rollo May. Visão de homem.

Área do Conhecimento: Psicologia Clínica.

Introdução

Rollo May foi um psicólogo existencialista que ajudou a consolidar a Psicologia Existencialista nos Estados Unidos, a partir da influência filosófica de Kierkegaard; Nietzsche; Heidegger e Sartre. Sua visão de homem, portanto, vislumbra a finitude humana; angústias e conflitos, no entanto, acredita que a liberdade; criatividade e responsabilidades são capazes de transformar a realidade e possibilitar crescimento e autenticidade do ser. A partir da teoria da Psicologia Existencial Humanista, focada na visão de homem e mundo do Psicólogo Existencialista Rollo May, foi feita uma análise qualitativa a respeito do filme Muito Louca, lançado na Argentina em julho de 2018 e que está disponível em algumas plataformas de streaming, sendo uma delas a Netflix.

O filme, do gênero Comédia, possibilita reflexões sobre pontos centrais da teoria do psicólogo Rollo May (1982) como: conflitos; escolhas; consequências; essência e existência. Uma vez que May apresenta em seus escritos uma abordagem terapêutica centrada na experiência subjetiva e nas questões fundamentais da existência humana. Ele apresentou uma visão complexa e profunda sobre o ser humano, trazendo um diferencial para o que já vinha sendo discutido no campo da Psicologia.

A escolha de Rollo May como teórico abordado nessa análise se dá em razão da sua construção enquanto ser humano, até chegar à psicologia. Visto que antes de se tornar psicólogo, May teve contato com a arte, a filosofia, a religião (conselheiro), o que provavelmente ajudou a sensibilizar seu olhar para a experiência humana. Experiências, essas, que dão contorno a suas ideias, levando-as para a prática psicológica percepções como liberdade, responsabilidade, angústia e morte que puderam ser observadas no discurso do filme.

Metodologia

A escolha pelo longa-metragem argentino se deu após um primeiro contato das autoras com o filme, que provocou a percepção da similaridade entre o diálogo de seu roteiro com a proposta da abordagem Existencialista da psicologia, o que provocou o segundo contato com o filme, nesta ocasião, com o intuito de realizar a observação e análise do conteúdo através da ótica técnico-científica. Os critérios adotados para a referida análise foram associados e interpretados no contexto de uma pesquisa descritiva que permitiu a identificação de conexões com a visão de homem e mundo sob a perspectiva teórica do psicólogo e fundador da psicoterapia existencial, Rollo May.

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

Como técnica de pesquisa foi adotada a revisão de literatura no campo da psicologia com o objetivo de encontrar relações entre o processo de desenvolvimento humano e a teoria de May.

Resultado

Por meio da análise e observação do longa-metragem com base na teoria do psicólogo existencialista Rollo May, foi possível identificar o processo de vir-a-ser da personagem principal – Pillar – que ocorre através das experiências e escolhas que a personagem faz. O autor discorre em suas obras que a angústia é inerente à condição humana, podendo ser paralisante ou propulsora de crescimento, assim, considerando a vida de Pillar, pode-se dizer que por um período a angústia manteve Pillar paralisada, ao ponto de que seu próprio terapeuta não acreditava que ela seria capaz de ser autêntica e criar a si mesma e o seu mundo de maneira livre e responsável por suas escolhas.

Discussão

“Muito Louca” é um longa-metragem, que retrata de maneira envolvente a vida de Pillar, uma mulher adulta e casada, profissional do ramo da publicidade. A protagonista mora em um apartamento, com seu esposo e enteado adolescente, levando até então, uma vida - aparentemente – perfeita, percepção essa que muda após Pillar ter um dia difícil no trabalho e começar a achar que algumas coisas nunca mudariam em sua vida. Assim, enquanto andava chorando pela rua ela encontrou um desconhecido que lhe deu uma palavra de conforto e uma nova perspectiva sobre sua vida a partir de um “ritual”, esse encontro fez Pillar sentir-se uma nova mulher e fazer coisas as quais não imaginava ser capaz.

Santos e Antunes (2007) afirmam que a vida adulta é marcada por muitos conflitos e muitas responsabilidades, marcadas por novos referenciais da existência e novas conquistas, nesse sentido, elas abordam que a vida adulta é a fase mais longa do desenvolvimento humano. E ao referenciarem Mosquera (1982 apud Santos; Antunes, 2007) classificam esta fase em adultez jovem; adultez média; e adultez velha, sendo que cada uma das categorias tem subcategorias e características próprias.

Dito isso, é importante destacar em que fase do desenvolvimento a protagonista se encontra, sendo que o filme não deixa claro quantos anos Pillar tem, no entanto, expõe que ela está entre 30 e 40 anos. Portanto, Mosquera (1982 apud Santos, Antunes, 2007) esclarece que esta faixa etária corresponde à adultez jovem final (35 a 40 anos). Sendo os conflitos dessa etapa relacionados à percepção de si que a pessoa tem em relação à vida que vive e sua existência. Isto é, “o indivíduo vivencia situações que lhe atribuem o verdadeiro valor de sua existência e compreende, ou pelo menos idealiza, o que constituirá sua realização.” (Santos; Antunes, 2007).

Nesse contexto, o filme, logo nas primeiras cenas, apresenta um sucesso de seus primeiros anos de carreira, a personagem Pillar mesmo trabalhando com propaganda, que costuma solicitar do profissional criatividade e autenticidade, vive uma vida morna e pouco autêntica. Contudo, uma jovem influencer digital toma a cena de forma criativa e inovadora. A partir disso surge o ponto pé inicial para a explosão em busca de transmutação.

Desse modo, após um dia ruim no trabalho Pillar se conscientiza do rumo que sua vida está levando, e, o modo como isso é retratado cenograficamente leva o espectador a sentir-se tal como a protagonista (desesperançosa, incrédula, triste). É notável que ela se incomoda com a falta de limite que existe em suas relações e o como isso impacta a vida dela, fazendo, inclusive, uma analogia sobre estar em uma sala de embarque do aeroporto esperando o avião chamar para a decolagem, todavia, ele nunca chama, em contrapartida os voos de outras pessoas são anunciados e decolam.

O teórico Existencialista Rollo May (1982) apresenta em sua compreensão sobre a existência humana, alguns conceitos como: liberdade e responsabilidade, no qual ele defende que o ser humano é livre, mas, essa liberdade implica responsabilidade por suas ações; o conceito de angústia e ansiedade, sendo essa liberdade que o homem tem geradora de angústia, porque envolve a necessidade de fazer escolhas significativas; o conceito de autenticidade, pois ele também defende o viver de forma autêntica, mas, que isso implica enfrentar a angústia e o medo da morte, aceitando a própria finitude; e a busca por sentido, pois o ser humano busca dar significado à sua vida em um mundo que não oferece isso de forma natural.

Nesse sentido, o que ela relata de si é que está cansada de nada mudar, dela querer que as coisas sejam diferentes, mas, não são. É, nesse momento que ela encontra um senhor em uma ponte,

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

o qual aparentemente está cogitando se jogar, então ela o interrompe e questiona se está tudo bem, e, depois de tudo ser explicado, ela é questionada por ele se está bem, assim, depois de um pouco de insistência, ela desabafa com ele sobre a situação da sua vida. O comportamento do senhor engata em Pillar vários comportamentos que revelam o que a muito tempo lhe sufoca. Todos os seus desagrados para agradar o próximo. Neste encontro com o homem ela revela que não sabe o que deseja da vida, pois há muito tempo faz o que os outros mandam (angústia e ansiedade).

Rollo May (1982) em sua obra “O homem a procura de si mesmo” comenta que no século XX, Sigmund Freud apontou que o motivo mais comum, enquanto problemas interiores do indivíduo naquele tempo, era a “[...] dificuldade em aceitar o lado instintivo e sexual da vida e o resultante conflito entre os impulsos sexuais e os tabus sociais.” E, que para o século XXI, segundo May, teríamos o vazio como problema interior do indivíduo. Ele afirma em sua obra que, “[...] quero dizer não só que muita gente ignora o que quer, mas também que frequentemente não tem uma ideia nítida do que sente.” (MAY, 1982, p. 5). E é exatamente o que é possível notar em Pillar. Ela está perdida, em busca de um propósito.

Ao final da conversa, o senhor lhe apresenta uma nova possibilidade de vida e lhe ensina um “ritual” (como ele mesmo chama, no filme) para que essa mudança “chegue logo”. Pillar, um tanto desacreditada, decide fazer o “ritual” e na manhã seguinte ao feito, ela acorda e desde então fez tudo diferente, se posicionou em suas relações exatamente da maneira como pensava, e colocou limites nas pessoas que a desrespeitavam tanto na rua, quanto em casa; trabalho e amizade.

A partir disso, Pillar se revela de forma desequilibrada, porém, gratificante para ela que por muito tempo sufocou quem de fato é e o que sente. Em um determinado momento ela revela que se sente tão bem que lhe causa medo (autenticidade). Ademais, enquanto sentia que tudo estava diferente e bom, algumas decisões e posicionamentos que ela tomou, lhe custaram consequências que ela não estava esperando. E, pouco a pouco ela se deu conta que estava magoando as pessoas que amava e sentia que não conseguia se controlar, contudo, Pillar não atribuía a responsabilidade das consequências a si própria, na verdade, ela acreditava que o “ritual” ensinado pelo senhor desconhecido era o responsável por todas as consequências e situações que ela se envolvia.

Observando o filme é possível questionar se a personagem estava vivendo uma vida sem sentido, e, a partir desse movimento de buscar um rumo para sua vida e se tornar uma pessoa autêntica, acontece o ápice do seu descontrole. Portanto, a “última gota” foi quando Pillar atea fogo no carro de seu vizinho inconveniente, conseqüentemente, vai presa e ao sair de lá vai atrás do tal senhor que lhe ensinou o ritual. Ela procura por ele com um pedido de ajuda, acreditando que o ritual é o responsável por esse descontrole. Então o homem explica que ela está sugestionada como toda pessoa desesperada, mas que ela pode controlar sua mente e suas escolhas (liberdade e responsabilidade).

Rollo May afirma em sua obra que,

O ser humano não pode viver muito tempo no vácuo. Se não estiver evoluindo em direção a alguma coisa acaba por estagnar-se; as potencialidades transformam-se em morbidez e desespero e eventualmente em atividades destrutivas. (MAY, 1982, p. 9)

Ao longo da vida, Pillar encenou estar confortável vivendo de acordo com o que os outros esperavam dela. Anulou-se de seus desejos e sua autenticidade. Mas, por fim deu um basta, retomando o controle e a responsabilidade por suas escolhas. A grande sacada do filme, do ponto de vista dessa teoria, é o processo da tomada de consciência que a personagem vivencia e como as escolhas que faz estão ligadas à confusão que tem de sua própria essência e existência, considerando o início do processo, e depois mais no final, à consciência de si própria (dos seus gostos, dos seus limites, dos medos, do que a faz feliz). Então, somente quando a protagonista se dá conta disso sente-se capaz de fazer escolhas assertivas sobre sua vida, bem como gerenciar o sofrimento e conflitos que vem junto com as escolhas feitas.

Além disso, o filme também retrata que ela sofria com crises de ansiedade, fazia uso de medicamentos e fazia atendimento com um terapeuta (não fica claro no filme se era psicólogo ou psiquiatra), e, sobre isso, é interessante observar como as crises de ansiedade estavam relacionadas ao fato dela nunca colocar seus limites e interesses como prioridade nas coisas da sua própria vida. Ademais, Pillar é precisa ao falar com seu terapeuta a respeito dos medicamentos receitados por ele e o efeito que isso teve sobre sua vida, sendo que ao ouvir dele que não era uma mulher capaz de fazer o tipo de coisa que ela estava relatando (sobre as mudanças de atitude), ela o respondeu “(...) tem

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

razão não sou capaz, você me encheu de remédios para sufocar tudo que eu estava sentindo. Você me ensinou a me controlar e me matar de trabalhar, a me casar com um homem maluco, a engolir as palavras, a ser submissa, por isso não sou capaz.”

Isto é uma representação clara da maneira como alguns processos terapêuticos caminham atualmente – de modo que todos os sintomas sejam “patologizados” e medicados. Sobre isso, em entrevista à Kirk Schneider *et al.* em 2009 (LOAIZA, 2012, p. 3), May declarou:

Remendam uma pessoa e a devolvem de novo. Não considero que isso seja verdadeira terapia para nada. Uma terapia que seja importante, a meu entender, é uma terapia que expanda a uma pessoa, que faça consciente o inconsciente. Amplia nosso ponto de vista, amplia nossa experiência, nos faz mais sensíveis, amplia nossas capacidades intelectuais, assim como outras capacidades. (tradução nossa)

É válido esclarecer que, o contexto da pergunta não era especificamente sobre uso de medicamentos, no entanto, sua resposta demonstra sua ideia sobre a evolução da psicoterapia. Além disso, esta proposta não significa dizer que o uso do medicamento é inválido e desnecessário, isso significa que ao passo de que os sintomas e sinais são relatados e analisados é preciso uma postura imparcial do terapeuta (nem a favor e nem contra medicamento) e sobretudo uma postura investigadora, para que para cada fenômeno apresentado no *setting*, o cliente receba o retorno e a terapêutica adequada, e que ao fim, ele se encontre dentro do conflito apresentado e consiga de forma autônoma resolver aquilo, de modo que não fique somente adormecendo os sintomas que tem e colocando “panos quentes” nos conflitos que sente.

A sensação de vazio provém, em geral, da ideia de incapacidade para fazer algo de eficaz a respeito da própria vida e do mundo em que vivemos. O vácuo interior é o resultado acumulado, a longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir como uma entidade, dirigir a própria vida, modificar a atitude das pessoas em relação a si mesmo, ou exercer influência sobre o mundo que nos rodeia. (MAY, 1980, p. 9)

Para May (1988), cada indivíduo estaria sempre em processo de se tornar (de vir a ser), por possuir a capacidade inerente de autoconsciência, de liberdade e potencial criativo. Entretanto, estaria inevitavelmente envolvido em uma luta existencial entre a vida e a morte, o ser e o não-ser. Sendo constituído por escolhas, e, ao tomar consciência dessas escolhas, pode assumir responsabilidade por seu próprio destino, criando sua vida de maneira significativa.

Sobre isso, o que o filme demonstra, é que Pillar já estava em terapia há algum tempo, e a medicação já fazia parte de seu cotidiano, contudo, os fenômenos que ela apresentava no *setting*, não pareciam estar sendo vistos tal como eram, o que a levou para uma etapa na qual ela mesma não via sentido no formato daquela terapia, como se aquela proposta terapêutica não fosse suficiente para atender e, sobretudo, entender a demanda dela da maneira que ela precisava. E com isso decide por encerrar esse ciclo, interrompendo a medicação e os encontros com o terapeuta. Relaciona-se com isso, a declaração de May em entrevista à Kirk Schneider *et al.* em 2009 (LOAIZA, 2012, p. 11):

[E] logo de que os mitos se foram, os sonhos irão, e pronto seremos um montão de gente simplesmente girando válvulas e movendo as alavancas de outras pessoas. Isto...nos converterá - se é que somos esse tipo de terapeuta, em todo caso, em “os inimigos da sociedade moderna com uma voz suave que estão fazendo o que fazem com o fim de ajudar-te” (tradução nossa).

Além dos pontos tratados acima, o filme também aborda questões relativas à autenticidade. De modo lúdico, retrata o julgamento das pessoas sobre quem tem atitudes muito diferentes do socialmente aceito – com falas de “o que há com você?” “você está louca?” “você está em seus dias?”, sempre fazendo alusão as regras sociais que só poderiam ser quebradas caso haja algo para justificar. Ou seja, a razão de determinadas atitudes serem tomadas não pode ser “isso está além/abaixo do que acho aceitável para mim”, respeitar os próprios limites, ser assertivo, não é tão bem-visto socialmente. Isso está muito relacionado ao custo de ser autêntico em sua própria existência.

Conclusão

Uma possível interpretação para o longa-metragem é que é preciso se assumir protagonista dos próprios conflitos e, por conseguinte das escolhas e consequências. A vida de Pillar somente mudou significativamente quando ela mesma entendeu o papel e a responsabilidade que ela tinha nos problemas que a incomodava. Inclusive, é válido ressaltar, que uma das mensagens passadas no filme é exatamente essa: as coisas são um incômodo e um transtorno para nós até o ponto em que permitimos. A teoria existencial de Rollo May (1986), esclarece que a angústia, os problemas podem ser uma força propulsora para a mudança, no entanto, isso depende de quais escolhas serão tomadas diante da situação-problema.

Ademais, há a representação de determinados posicionamentos de uma maneira um tanto quanto exagerada, porém, intencionalmente bom, justamente para exemplificar o nível de cansaço que ela sentia de estar alheia a própria vida. É por esta razão que May (1982) acreditava que o objetivo maior da terapia seja elucidar as capacidades pessoais para que a partir delas, seja possibilitado a mudança de perspectiva, e, não para remover dores e angústias.

Como o estilo de psicoterapia de May ensina e propõe, estar no centro da própria vida é o que possibilita que assumamos as responsabilidades que nos cabe enquanto ser humano autêntico, inclusive a de aceitar que algumas coisas serão diferentes do que foi idealizado; de compreender que quando “eu soffro” por algo também tenho responsabilidade nisso; de aceitar que o curso da vida é composto por ansiedades, angústias, e não somente de uma estabilidade completa plena e harmônica; de entender que liberdade de escolha traz angústias (pois quando escolho “um” deixo “outro” para traz).

No filme, Pillar somente sentiu-se feliz e bem quando aceitou a responsabilidade dela própria em sua vida, ou seja, somente quando ela foi para o centro de si, nesse momento o que ficou explícito é que o importante naquela etapa não era mais não sentir um incômodo; aceitar as decisões alheias sem questionar, o importante era que agora ela era capaz de escolher os lugares/relações que a cabiam assertivamente, que é justamente o que May trata sobre a liberdade.

Sendo que, durante o casamento de seu amigo Pablo, ela aceita que aquela relação dele era o que ele queria (mesmo que fosse diferente do que ela esperava), e, decide ir embora, nesse momento ela tropeça em algo e cai por cima de um vaso de flores decorativo, então, todos param para olhar e ajudar, ela se levanta, diz que está tudo bem e vai embora sorrindo, com a consciência de que aquele lugar à margem de si mesma já não fazia mais sentido para ela e que tudo bem se não fosse tudo harmônico e pleno.

Por fim, o autoconhecimento que a personagem adquiriu ao longo do seu processo possibilitou sentir-se livre; abandonar conflitos antigos do dilema de “ser e não ser”; mudança; criar experiências e vivências que estavam mais alinhadas com sua essência e existência.

Referências

LOAIZA, Atanael Barrios; VELASQUÉZ, Carlos Emilio Isaza. **ROLLO MAY SOBRE LA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL**. Revista Electrónica Psyconex. Medellín. Vol.4 nº6. 2012.

MAY, Rollo. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MAY, Rollo. **A descoberta do ser: escritos sobre psicologia existencial**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. Vozes, 1982.

PONTE, Carlos Roger Sales; SOUSA, Hudsson Lima de. **Reflexões críticas acerca da Psicologia existencial de Rollo May**. Revista da Abordagem Gestáltica: Estudos Fenomenológicos, vol. XVII, n. 1, p. 47-58, jan.-jun. 2011.

PONTE, Carlos Roger Sales da. **Reflexões sobre a angústia em Rollo May**. Revista do NUFEN, v. 5, n. 1, p. 45-56, 2013.

*A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO***

SANTOS, Bettina Steren dos; ANTUNES, Denise Dalpiaz. **Vida adulta, processos motivacionais e diversidade**. Educação, vol. XXX, núm. 61, janeiro-março, 2007, pp. 149-164. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

Agradecimentos

Por fim, gostaríamos de expressar, neste item, nossos mais sinceros agradecimentos à nossa querida coordenadora de curso e professora Mirthis Czubka de Abreu Ângelo, que nos orientou durante a escrita, processo de submissão e publicação do presente trabalho. Reconhecemos que, sua orientação e apoio foi – e continua sendo – fundamental para a nossa construção profissional enquanto futuras psicólogas e pesquisadoras.